

SOBRE O VATE E O SATÍRICO: DUAS TEMPORALIDADES NA OBRA DE GONÇALVES DE MAGALHÃES

*ON VATES AND THE SATIRIST: TWO TEMPORALITIES IN THE WORK OF GONÇALVES
DE MAGALHÃES*

Cristian Cláudio Quinteiro Macedo¹

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard²

Resumo: O presente artigo pretende apresentar um percurso que marcou o contato e os usos que fez Gonçalves de Magalhães da Frenologia. Esta pseudociência estava na moda no período em que Magalhães esteve na Europa e teve papel importante na sociedade de historiadores que ele fez parte. Para livrar-se da contradição entre o materialismo da Frenologia e o espiritualismo cristão que era adepto e entre o tempo linear voltado para o futuro do vate e do tempo da coexistência do primitivo com o desenvolvido dos frenólogos, Magalhães usa a Frenologia em uma obra que não assina. Ele produz uma sátira na qual se libera dos compromissos com o sublime. Seu uso ocorreu em uma situação específica, contra um inimigo, e Magalhães não se torna adepto da Frenologia, chegando a escrever duas obras contra essa pseudociência em sua maturidade.

Palavras-chave: Frenologia. Romantismo. Temporalidade.

Abstract: The present article intends to present a path that marked the contact and the uses that Gonçalves de Magalhães made of Phrenology. This pseudoscience was in vogue during the period when Magellan was in Europe and played an important role in the society of historians he was a part of. To get rid of the contradiction between the materialism of Phrenology and the Christian spiritualism that was adept and between the linear time facing the future of the vates and the time of the coexistence of the primitive with the developed of the phrenologists, Magalhães uses Phrenology in a work that don't sign. He produces a satire in which he frees himself from commitments to the sublime. Its use occurred in a specific situation, against an enemy, and Magalhães did not become an adept of phrenology, writing two works against this pseudoscience in his maturity.

Keywords: Phrenology. Romanticism. Temporality.

Introdução

Sabemos que vate significa poeta, mas também profeta (e normalmente um indivíduo que é um pouco dos dois). Essa palavra era muito utilizada quando se falava de Gonçalves de Magalhães. Já o artífice da sátira, o satírico, também poeta, fica longe do teor sublime e profético da pena do vate. Ele produz versos que explicitam o grotesco, o mal, o risível, o indigno. Magalhães também foi satírico, mas essa faceta foi pouco conhecida. Enquanto um se dirige ao presente projetando o futuro, o outro se fixa no presente, ou no passado,

¹Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pesquisa sobre a história das teorias da tradução como doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras da mesma universidade.

²Doutora em Letras, Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras - UFRGS, Projeto Estudos Interdisciplinares da Tradução.

evidenciando os males da sociedade. São dois ritmos ou duas perspectivas difíceis de equalizar.

Gonçalves de Magalhães, um dos principais nomes do Romantismo no Brasil, esteve na Europa entre 1833 e 1836 e fez parte do Instituto Histórico da França, palco de importante debate sobre a Frenologia que produziu interessantes consequências tanto para esta pseudociência quanto para a Historiografia. A coexistência do atraso e do progresso, de indivíduos “primitivos” (em geral não brancos) cujo móvel são os instintos com indivíduos “evoluídos” (brancos europeus, obviamente) guiados por sentimentos nobres, por exemplo, foi um dos pontos desse debate que rendeu certas tensões na perspectiva temporal sábios do período. A racialização do entendimento da sociedade, bem como a higienização e a tendência à identificação das “classes perigosas” foram outras das suas consequências³. O que moveu a pesquisa cujo resultado apresentamos no presente artigo foi entender em que medida a Frenologia esteve presente na obra de Gonçalves de Magalhães.

O certo é que Gonçalves de Magalhães usou a Frenologia. Mas uso não denota necessariamente uma opinião favorável. Acreditamos que sua perspectiva foi sempre a de negá-la, principalmente por seu caráter materialista. Nossa hipótese é a de que Gonçalves de Magalhães lança mão da Frenologia primeiramente como um instrumento (então tido como científico, cujas explicações históricas e sociais pareciam dar conta das maiores dúvidas oitocentistas), em 1836, na “Infernal comédia” para desmoralizar um desafeto que se encaixava no perfil frenológico tido como pouco apto, ou atrasado. Já em 1858, na obra “Fatos do espírito humano” e em 1876, na “Alma e o cérebro”, ele nega a Frenologia por ter caráter materialista, acusando-a de reduzir o entendimento do homem e sua moral à Fisiologia. Além do materialismo, a Frenologia lançava diante de Magalhães outra temporalidade. O vate Magalhães, deveria pautar-se pelo futuro da nação, pelos vaticínios que apresentam um horizonte de expectativa radiante, em um tempo linear e acelerado que almejava logo chegar a seu objetivo. Já o satírico Magalhães deparou-se com (ou surgiu a partir de) um passado persistente que se colocava diante dele através dos traços físicos de seu desafeto.

Considerando que o contato de Magalhães com a Frenologia e com as perspectivas históricas e temporais que contribuiriam com sua produção literária se deu em sua estada na Europa e que dados desta viagem são capazes de lançar luz a quem se interessa por esse período relevante para a sua obra, nosso texto busca apresentar os resultados da pesquisa

³ Sobre os debates entre a Frenologia e a História envolvendo raça e criminalidade ver Macedo (2014 e 2016)
168 – Conexão Letras, Porto Alegre, v. 17, n. 28, p. 167 - 184, jul-dez. 2022. E-ISSN
2594-8962. DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.126310>

seguindo, na medida do possível, seu percurso em terras europeias. Desde sua ida, passando por sua associação ao Instituto Histórico da França, pelos problemas na Legação diplomática brasileira, até produções após o seu retorno, as seções de nosso artigo se apresentam como notas de viagem e pesquisa organizadas cronologicamente visando claro, demonstrar a comprovação de nossa hipótese.

1. A viagem

Os olhos só cobiçam agora ver terras de França
(MAGALHÃES, 1864, p. 362).

O navio *Dois Eduardos* partiu do Rio de Janeiro em direção à França na manhã de 3 de julho de 1833. O jovem Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882) saía pela primeira vez do Brasil, algo que se tornaria comum em sua vida diplomática de logo mais. Ainda não era o grande nome do romantismo brasileiro. Muito longe disso. Publicara seu primeiro livro no ano anterior, *Poemas*, sem muito sucesso, nem criatividade, diriam alguns. Aliás, o valor de sua obra sempre foi questionado. Mesmo por aqueles que o substituiriam ao longo do tempo na cadeira de nº 9 na Academia Brasileira de Letras, conforme lemos nos discursos de posse no site da instituição. Em 1832, recém-formado em Medicina, Gonçalves de Magalhães (*Domingos*, como era tratado por seus próximos) ainda não recebera a proteção e defesa daquele que, numa oportunidade, se ocultaria com o pseudônimo *outro amigo do poeta*⁴ e que, como imperador, lhe concederia o título de Barão e depois Visconde do Araguaia. É certo que não podemos considerá-lo um jovem comum; poucos teriam essa oportunidade de viajar à Europa, “esse grande livro” (MAGALHÃES, 1864, p. 332). No entanto, muito longe estava o jovem *Domingos* do velho *Visconde*.

Magalhães padeceu no *Dois Eduardos*. Em seus escritos durante a viagem dizia não saber “como ainda não inventou a química algum meio fácil de dessalgar as águas do mar?”. Essa reflexão se deu em função da água que bebiam na embarcação estava com “gosto e cheiro de madeira podre”. Quanto à comida, versejou: “Pão como um bolo/ Cor de tijolo/ Petrificado/ Té ao miolo./ Café suspeito/ De favas feito./ E muito aguado./ [...] Sopa abundante, / Mas repugnante” (MAGALHÃES, 1864, p. 348-349). Comendo pouco, enjoando quase sempre, Magalhães teve poucos momentos de alegria durante a viagem. Desejava chegar logo e abraçar seus amigos Torres Homem e Araújo Porto-Alegre. Passando a 60

⁴ D. Pedro II usa esse pseudônimo no debate iniciado por José de Alencar sobre a obra *Confederação dos Tamoios*, de Magalhães. Esse debate foi publicado inicialmente no Diário do Rio de Janeiro, e depois recolhido no livro *Cartas sobre a confederação dos Tamoios de José de Alencar*, em 1856.

milhas dos Açores, escreve ter sentido o “mais grato cheiro de jasmim”. Os ares europeus já lhe tocavam. Chegou ao Havre em 11 de setembro e tomou transporte, no dia seguinte, rumo a Paris.

2. Em Paris

Rodeado de tantos monumentos, de tantas coisas raras, de tantos professores (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012).

O jovem Domingos escrevera no dia 20 de janeiro de 1834 para Monte Alverne dando notícias e impressões sobre Paris. “Só não estuda quem não quer”, dizia ele, “todas as salas, que são largas e espaçosas e feitas em semicírculo, acham-se sempre apinhadas”. O deslumbramento diante de uma pujante vida intelectual era inevitável: “há cadeiras para todas as ciências e para as divisões e subdivisões de todas as ciências”. Na época, Magalhães informa estar estudando Direito, além de fazer cursos de Química e Economia Política. A disposição de horários facilitava essa formação tão rica, pois, informava a Monte Alverne, “os cursos são desde manhã até a noite e de tal maneira dispostos que se pode seguir a todos” fora que “todos os dias há mais de cinco em cada Academia” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012).

Magalhães havia chegado a Paris em um ano significativo para a historiografia. Em 1833 duas instituições importantes para a disciplina foram criadas: *Société de l'Histoire de France* e o *Institut Historique de France*. A primeira, de caráter mais oficial, foi idealizada por François Guizot, enquanto a segunda foi uma iniciativa de Eugene Garay de Monglave.⁵

Apesar de ser criado no ano anterior, o Instituto Histórico da França teve sua primeira reunião em 1834, e os amigos Magalhães, Porto-Alegre e Sales Torres Homem, que então era adido da Legação diplomática brasileira, logo se tornaram membros. Por meio deles, Francisco de Monte Alverne foi aceito como membro correspondente.⁶ Em seu estatuto lemos: “*L’Institut historique est fondé pour encourager, diriger e propager les études historiques em France et à l’étranger*”⁷. (STATUTS, 1834, p. 9). O termo “dirigir” foi retirado na reforma estatutária realizada em 1836, mas o nome “Instituto”, visto como arrogante por

⁵ Sobre Monglave ver Faria (1967).

⁶ “...envio esta carta, pela qual ficará sabendo que está nomeado membro do Instituto Histórico de França; eu e o Araújo, já que fomos nomeados para ele, tratamos logo de o propor. Esta sociedade sábia contém tudo que há de mais célebre em França e no mundo, como poderá ver pela lista impressa à margem da carta, que o Instituto lhe remete. Seu nome gravado nos anais desta sociedade não tem de morrer; com a posteridade firme diante dos olhos, pode agora marchar no caminho difícil da imortalidade, em que tem colhido tantos louros”. (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012).

⁷ O Instituto Histórico foi fundado para encorajar, dirigir e propagar os estudos históricos na França e no estrangeiro [tradução nossa].

outras sociedades e que, inclusive a impedia de conquistar o título de utilidade pública concedido pelo governo francês, manteve-se por um bom tempo (RÉORGANISATION, 1872).

O Instituto era organizado em seis classes de estudo e pesquisa. A 1ª classe, *História geral*, contava com muitos professores de história, além de ministros, embaixadores e membros da nobreza. François-René de Chateaubriand, por exemplo, se faz membro da sociedade em 20 de setembro de 1834, ligando-se à 1ª classe. *História das ciências sociais e filosóficas* era o nome da 2ª classe. Um grupo grande de juristas e advogados fazia parte dessa classe, além de políticos e religiosos. Francisco de Sales Torres Homem tornou-se um de seus membros. A terceira classe se chamava *História das línguas e das literaturas*. Escritores, professores de literatura e linguistas eram a maioria. Magalhães ligou-se a ela. Médicos, farmacêuticos, naturalistas, engenheiros, químicos e militares formavam a 4ª classe (*História das ciências físicas e matemáticas*). Entre os ilustres sábios que a compunham estava Isidore Geoffroy Saint-Hilaire. A classe de *História das belas artes* (a 5ª) era repleta de pintores e Araújo Porto-Alegre escolheu participar dela. Também havia escultores, arquitetos, compositores e artesãos. Com perfil de membros semelhante ao da 1ª classe, a 6ª (*História da França*) contava com Jules Michelet em suas fileiras.

Essas afinidades disciplinares e profissionais dentro do Instituto Histórico, também concorriam para uma rica troca de impressões que ocorriam nas assembleias gerais, quando todos se encontravam e liam seus trabalhos, que haviam passado e sido aprovados pelas classes.

Nessa *société savante* os três jovens amigos, Magalhães, Torres Homem e Porto Alegre, participam dos debates e apresentam trabalhos. Em carta a Monte Alverne de 22 de julho de 1834, escreve Magalhães que Araújo teria feito “uma memória sobre o estado das Artes no Brasil, onde mostrou grande talento e vistas profundas na sua arte” o missivista, por sua vez, estaria “concluindo uma história da literatura no Brasil desde a sua origem até os nossos dias” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012).

Esses dois trabalhos foram lidos nas classes do Instituto Histórico. Somados ao de Torres Homem que tratava de história da ciência, foram posteriormente organizados e publicados no primeiro número da sua revista como um *Résumé de l’histoire de la littérature, des sciences et des arts au Brésil* [Resumo da história da literatura, das ciências e das artes no Brasil]. A tradução, a leitura e a organização dos trabalhos dos *trois Brésiliens*, ficaram ao cargo de Eugene de Monglave, secretário perpétuo da sociedade (MAGALHÃES et al.,

1834). Sobre Monglave, ao propor que Monte Alverne enviasse uma monografia ao Instituto, Araújo Porto-Alegre escreve: “pode estar certo que a tradução há de ser boa, porque o nosso secretário, além de saber muitas línguas e a nossa, esteve muito tempo no Brasil, e é o tradutor do Caramuru e do Gonzaga” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012).

Em 3 de dezembro daquele ano, Hyacinthe Taunay, na sessão da classe de História das Línguas e das Literaturas, lê um trabalho seu que teria a finalidade de “*compléter et de rectifier em quelques points, particulièrement em ce qui concerne as famille*”⁸ (EXTRAIT, 1834b, p. 305) o *Resumo* dos três brasileiros. O debate que segue envolve Villenave, Mary Lafon e Monglave. Infelizmente, não foi publicado.

Apresentado pelos brasileiros, Jean Baptiste Debret é aceito na sociedade em 31 de julho. Na revista do Instituto Histórico, um fragmento inédito de sua obra *Voyage pittoresque et historique au Brésil* [Viagem pitoresca e histórica ao Brasil] é publicado. Intitulado *Moeurs et usages des Brésiliens civilisés* [Usos e costumes dos brasileiros civilizados] o texto trazia uma figura interessante à curiosidade parisiense, mas ocultada pelos jovens brasileiros: o “mulato”. Para Debret “*il a plus d’énergie que le nègre*” e a ele é “*supérieur par son intelligence, qui le rapproche de la race blanche*”⁹. No entanto, o “mulato”, para Debret, é “*présomptueux, sensuel, irascible e vindicatif*” (DEBRET, 1834, p. 170-172).

Sales Torres Homem, que apresentara ao Instituto Histórico seu trabalho sobre a história das ciências no Brasil, era “mulato”. Assim como Luiz Moutinho de Lima Álvares e Silva, aceito na sociedade em 30 de outubro de 1834. Considerado “o brasileiro que se fez mais conhecido e querido dos membros do Instituto Histórico”, Moutinho teria recebido “o maior número de referências e sempre das mais lisonjeiras”, por parte daquela sociedade (FARIA, 1970, p.86).

Nem Magalhães, nem Porto Alegre puderam assistir à sessão em que se deu a adesão de Moutinho (e que, tirando o rei Gustavo de Wurtemberg, foi o único a pagar a cotização perpétua) (FARIA, 1970). No dia 1º de outubro foi lida uma carta de Magalhães aos colegas da 3ª classe: partiria rumo à Itália com seu amigo pintor e prometia ao Instituto Histórico enviar o resultado da pesquisa que vinha desenvolvendo: um Ensaio histórico inédito sobre a Literatura do Brasil (EXTRAIT, 1834a).

3. Na Itália

⁸ [...] completar e retificar em alguns pontos, particularmente o que diz respeito a sua família. [tradução nossa].

⁹ [...] ele tem mais energia do que o negro [...] superior em inteligência, o que o aproxima da raça branca. [...] presunçoso, sensual, irascível e vingativo. [tradução nossa].

Toda a Itália é um vasto museu de maravilhas
(MAGALHÃES, 1836a, p.178)

A estada na bota faz o caldo de cultura do qual emerge o vate dos *Suspiros Poéticos e Saudades*. A obra lembra o árcade de *Poesias*, mas o tempero Europeu e as injunções do período colocam essa obra como o marco do Romantismo brasileiro.

A viagem teria sido programada por Araújo Porto-Alegre, que partiria sozinho. Magalhães, em uma nota ao poema *Adeos ao meu amigo M. de Araujo Porto-Alegre* vaticina que, naquela que seria uma fase a ficar eternamente em sua lembrança, os versos sempre lhe despertariam uma “triste recordação; triste pelas circunstâncias que motivaram a viagem” (MAGALHÃES, 1836a, p. 372). Sobre essas circunstâncias, as cartas de Magalhães e Porto-Alegre enviadas a Monte Alverne nos esclarecem.

Inicialmente, o que garantia a estada de Magalhães em Paris era a pensão que recebia do pai de seu amigo e também discípulo de Monte Alverne, Alexandre José Pinheiro da Silva que trabalhava como adido na Legação, junto com Sales Torres Homem. Em carta de 20 de janeiro de 1834, Magalhães noticiava a seu mestre: “já fez seu exame de bacharel em Letras e ficou aprovado” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012). Já em 8 de março, parece que o tom muda: “Aceite lembranças do nosso amigo Sales e do seu discípulo Pinheiro que aqui estuda bastante e trata de ser homem” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012). Porto-Alegre, mais direto em seus escritos, manda carta a Monte Alverne contando o que ocorrera entre os dois. Magalhães, confia Porto-Alegre, teria se desligado do “pequeno Pinheiro” porque não suportava mais “insultos quotidianos”. Continua a carta dizendo que “só a prudência do Domingos era capaz de resistir às infâmias de semelhante menino que, não por ignorância, mas de acinte as praticava” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012). Alexandre teria dito que seu pai, em verdade, era seu padrasto, e que o dinheiro dado a Magalhães em pensão não lhe pertencia. Por fim, o jovem “atirou com um pouco de dinheiro na cara do Domingos!!! E este ficou imóvel” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012). Conclui Porto-Alegre:

Desde esse dia uma profunda melancolia se tem apoderado do Magalhães, e eu para evitar uma morte de amigo, que adoro, quero que ele vá comigo, ele pode fazer essa viagem, não lhe é penoso, e no entanto, acompanhado de amizade poderá apagar de dia em dia tanta mágoa, pois eu o vejo num estado miserável de magreza e debilidade. Para lhe dizer o estado do pequeno é que, depois desta ação, um só brasileiro capaz não o vê, já antes disso todos antipatizavam com ele por seu modo soberbo, e esquisito, só gostando de berlindas, e figuras, ora isto em rapazes não vai bem, etc., etc. (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012).

Em janeiro de 1835, de Roma, Magalhães escreve a Monte Alverne uma resposta à sugestão que lhe havia feito de “tomar um título acadêmico” em Paris. Uma de suas justificativas para a negativa era a questão financeira, pois lhe faltava dinheiro “até para as primeiras necessidades da vida”, pois havia deixado “a pensão do Sr. Pinheiro, por motivos de honra”. Sobre Alexandre dizia “dele nada quero saber; assaz o sofri um ano em atenção a seu pai”. Magalhães ainda diz que quase retornou ao Brasil: “se o não fiz logo que em Paris me separei do Alexandre, foi por me achar tão molestado moral e fisicamente”. Sobre a atitude benevolente de Araújo, escreve: “receando que eu morresse no mar, me impediu a viagem e trouxe-me para a Itália” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012).

Em fevereiro, Porto-Alegre anota seu encantamento com a produção do amigo: “O Domingos tem feito diamantes em poesia” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012). Era a emergência do vate.

O vate tem sua função, seu método. Marcelo Rangel nos deu em sua tese doutoral o mais completo estudo sobre ele.¹⁰ Ele tem um projeto para o Brasil. Ele suspira, ele sofre, ele tem saudades... Mas não só o “clima histórico” da melancolia fez surgir o vate (RANGEL, 2014). Talvez o problema com Alexandre, a humilhação sofrida, a saudade de casa, o dinheiro escasso, tenham contribuído para a sua emergência. Talvez não só a “atmosfera histórica”, algo compartilhado por muitos, mas também sua dor pessoal, algo deveras individual, deva ser pensado para entender esse momento da vida de Magalhães e de sua obra.

O vate Magalhães faz poesia e faz seu *Ensaio*. Não exclusivo à Literatura, mas colando uma nova temporalidade nela, é um ensaio sobre o Brasil. É uma nova narrativa, uma nova noção de tempo cujo horizonte de expectativa de uma terra ainda colada a um passado colonial é redesenhado. Um projeto de nação é elaborado. Aqui “se revela o sentido de sua história, ou seja, a constituição de uma nova nação, de uma pátria” (ARAUJO, 2008, p.127). Desvinculando o Brasil de Portugal, e o atraso que a velha metrópole representava, atrelava sua história à da França e sua tradição revolucionária. Entendia que a Independência do Brasil permitia ao país “acertar seus ponteiros com a grande narrativa de progresso que embalava a Europa” (ARAUJO, 2008, p. 127).

¹⁰ “O vate canta, pois tem uma missão, é o que julga Magalhães. Trata-se, então, de compreender a missão do vate, e, a um só tempo, o seu método. [...] ele assinala uma espécie de cuidado constante necessário ao poeta. O vate tem de colocar-se numa postura de atenção, pois deve experimentar cada situação, “nada é morto, nada é mudo”. O vate deve auscultar a natureza, buscando compreender seus sinais, ele fala “Co’o sol, e o céu, e a terra, e a noite”. O poeta também inquire o passado, buscando integrá-lo no presente em nome do futuro” (RANGEL, 2011, p. 95).

4. A volta à Paris

Vem, ano novo, vem, minha esperança
(MAGALHÃES, 1836a, p.144)

Retornando à Paris em abril de 1835, Magalhães tinha o cargo de adido na Legação brasileira a sua espera. José Joaquim da Rocha, membro do Instituto Histórico, que havia acolhido ele e Porto-Alegre em Roma desde dezembro de 1834, era ministro plenipotenciário do Brasil nesta cidade. Em 1833, Rocha exercia a mesma função em Paris, antes de ser substituído por Moutinho, o que tornou fácil a ele arrumar um cargo para Magalhães. Sem a pensão antes concedida pelo pai de seu agora desafeto, esse emprego lhe garantiria uma forma de manter-se na Europa. Seu amigo de infância, Torres-Homem, era também adido e lhe daria condições de logo inteirar-se da função. No entanto, teria que conviver com Alexandre.

Em 1835, a Frenologia aparece na revista do Instituto Histórico pela primeira vez. Apesar de muitos de seus membros serem adeptos ou simpatizantes da ciência, apenas em 19 de fevereiro daquele ano, na 4ª classe, ela é posta em questão. O opúsculo *Manifeste des principes de la Société phrénologique de Paris*, de Jean Baptiste Megè, membro do Instituto Histórico e também da Sociedade Frenológica de Paris, é entregue a um membro da classe para resenha. Na sessão seguinte o debate acontece, o que redundará em uma questão a ser trabalhada no 1º Congresso Histórico Europeu que seria realizado em novembro daquele ano. Polêmicas se seguiram, o que era inevitável.

Em linhas gerais, a Frenologia era uma ciência que se propunha entender a psicologia do ser humano através do órgão (ou *órgãos*, segundo seus adeptos) cerebral. Fundada pelo anatomista alemão Franz-Joseph Gall em 1800, a Frenologia, então chamada Organologia, possuía duas abordagens a *craneoscopia* e a *facultologia*. A primeira se dava por medição e apalpação do crânio. Este procedimento permitia ao frenólogo observar na cabeça do indivíduo protuberâncias (ou bossas), que seriam feitas pelo cérebro que, durante seu desenvolvimento, moldaria o crânio. Isso permitiria um mapeamento do cérebro, dando ao pesquisador uma ideia de quais regiões seriam mais e quais seriam menos desenvolvidas. Essas regiões, ou *órgãos cerebrais* representariam faculdades psicológicas do indivíduo, daí a *facultologia*. Gall não obteve sucesso em sua terra. Partiu para França em 1807. Foi bem acolhido, chegando a se naturalizar em 1819, e lá permanecendo até sua morte em 1828.

A principal acusação contra a Frenologia não era tanto a sua hoje evidente (e para muitos, na época, também) falácia científica, suas bases racialistas, e sim seu teor materialista. A alma era fruto do cérebro e seu jogo de faculdades.

No ano seguinte, 1836, as repercussões são muitas. Artigos de membros do Instituto Histórico são publicados (obviamente fora de seus veículos e não em seu nome), uns favoráveis e outros contrários às ideias frenológicas. Um curso de frenologia é organizado por François Broussais, pai de Casimir Broussais (responsável por apresentar o tema no Congresso Histórico), onde a última lição foi justamente o uso da frenologia na ciência histórica. Gonçalves de Magalhães assistiu algumas dessas lições do curso de Broussais (MAGALHÃES, 1876).

O tema não era estranho, nem a ele nem a Porto-Alegre. Este havia escrito em fevereiro de 1835 para Monte Alverne: “Mr. (...) disse em Paris que a cabeça de todos os brasileiros era de artista, mas que nela faltava o órgão da ordem e da autoridade”. E, talvez irônico, completa: “creio que os nossos governantes têm esse órgão em demasiada expressão; porque as protuberâncias do gênio nada são sem ele” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012).

Mais tarde, no Brasil, ao escrever sobre a vida do Padre José Maurício Nunes Garcia, de quem confeccionou uma máscara mortuária, Porto-Alegre faz alguns apontamentos sobre a frenologia e sobre como esta ciência é falha. Ao descrevê-lo afirma que “tinha uma fisionomia nobre, um olhar penetrante e luminoso quando regia a orquestra ou falava de arte”, e que “tinha nos lábios, na forma do nariz e na saliência dos pômulos os caracteres da raça mista”. Então, Porto-Alegre escreve sobre uma lembrança de quando esteve em Paris. Um “frenologista e discípulo fanático de Gall”, Dr. Danessy, a quem teria dado uma cópia da máscara mortuária do padre compositor, “enganou-se redondamente, o que bem prova a respeito do cérebro e suas protuberâncias externas, que as mais das vezes é o miolo que decide e não a casca”. Sobre este doutor, que tudo indica ser o mesmo que teria falado sobre a ausência das protuberâncias da ordem e da autoridade em nosso povo, teria cometido repetidos enganos “em outras vezes na Legação brasileira, depois de haver apalpado grande número de cabeças brasileiras” (PORTO-ALEGRE, 1856, p. 368-369).

No 1º Congresso Histórico, quando a frenologia foi motivo de intenso debate, nenhum dos brasileiros apresenta trabalhos. Magalhães explica os motivos: Porto-Alegre “desgraçadamente se acha bem doente de uma inflamação na garganta com algumas feridinhas, e febre”. No Congresso “ele se deveria achar para tratar da Arquitetura cristã, principalmente no Brasil”. “Eu também”, continua Magalhães,

estava disposto a ler um trabalho sobre a História da Literatura no Brasil, trabalho este que está terminado, mas que devendo traduzir para poder aparecer num

Congresso Europeu composto de sábios de todos os países, não me resta tempo para isso (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012).

As expectativas de Magalhães para o ano de 1836 eram muitas. Em 29 de janeiro escreve para Monte Alverne falando da vida “assaz laboriosa” que ia levando. Escrevia “continuamente” tanto na Legação, quanto em sua moradia. “A História da Literatura no Brasil seriamente me ocupa”, dizia ele. A *Nitheroy* já estava no prelo: “brevemente espero que saia o primeiro número da Revista Brasileira, de que eu, o Torres, e o Araújo somos os autores, lá verá V. Revma. um ensaio”. Trata também, na carta, de *Os Suspiros poéticos e saudades*: “Lancei-me inteiramente na poesia religiosa. Espero também dar à luz este ano um volume, tanto que me chegue a nova de aumento de ordenado como requeri” (PORTO-ALEGRE; MAGALHÃES, 2012).

No entanto, turbulências viriam. Teria problemas com outro brasileiro da Legação (no caso, o chefe dela): Comendador Luiz Moutinho. Exatamente um mês após a carta otimista que endereça a seu mestre brasileiro, outra epístola cruza o oceano. Moutinho escreve em 29 de fevereiro ao Ministro dos Estrangeiros de então, José Ignácio Borges. Torres Homem e Magalhães, denuncia ele, “que apenas agora começam a sua carreira [...] pertencem, principalmente o segundo, a uma escola moderna [...] para a qual a subordinação é um servilismo, a civilidade uma adulação”. O diplomata da legação vê que não terá “outro remédio senão [...] suspender de suas funções esses dois empregados, ao menos o Adido Magalhães, antes que o contágio ganhe toda a Secretaria” (PINASSI, 1996, p. 104-105).

O projeto gráfico de Magalhães é realizado. Ele publica, com seus amigos, dois números da revista *Nitheroy* e seus *Suspiros Poéticos e Saudades*. Todavia, sua demissão e a de Sales Torres Homem da Legação brasileira o impede de seguir o projeto.¹¹ Araújo Porto-Alegre seria o autor da *Observação Final*, do último número da revista: “Não podendo tão árdua tarefa ser sustentada por uma só pessoa, e tendo sido separadas aquelas que a esta empresa se voltaram, impossível é o continuar”. Sem dinheiro para permanecer em Paris, os dois retornam ao Brasil ao final de 1836.

Antes disso, Magalhães contrata para aquele ano, com a a *Beaulé et Jubin* (mesma *imprimerie* responsável por rodar a *Nitheroy* e o *Suspiros*), a impressão de uma obra satírica: *Episódio da Infernal Comédia ou da minha viagem ao Inferno*.¹²

¹¹ Hipótese defendida por Pinassi, na sua tese.

¹² “Descontente da carreira diplomática, talvez pela descortesia de um chefe ‘despótico e refalsado’ do qual se vingou na sátira intitulada *Episódio da Infernal Comédia ou da Minha viagem ao Inferno*, sátira em verso, anotada e prefaciada por Porto Alegre, deixou aquela carreira e voltou ao Brasil” TÁVORA, 1882, p.518-519).

5. O fim da viagem

Esta comédia não é clássica nem romântica, é verdadeira
(MAGALHÃES, 1836a, p. 23-24).

A assinatura do texto introdutório da sátira *Infernal Comédia* é do pseudônimo Mata-Zombando. A folha de rosto não apresenta autor, mas não há dúvidas de que é uma obra de Magalhães, com contribuições de Porto-Alegre¹³.

Uma sátira, entre outros propósitos, visa ativar o riso, que nela serve como forma de denunciar os vícios da humanidade. O satírico busca em um jogo de temor e riso, engajar o leitor no ataque que empreende a determinado objeto, seja uma instituição, seja um indivíduo (SOETHE, 1998). Na *Infernal Comédia*, o autor assume o papel do satírico, desmascarando o presente, ou melhor, o passado que se mostra na aparência corporal do indivíduo satirizado, como veremos a seguir. O vaticínio que se projeta em um futuro glorioso dá lugar à crítica mordaz frente ao primitivo bestial, segundo as bases da Frenologia e na Fisiognomonia. São duas temporalidades que se tensionam: um horizonte de expectativa que dirige o campo da experiência, ou seja, um futuro almejado determinando as ações históricas do presente (de caráter linear e acelerado) e uma perspectiva de retorno ao passado que atravança o progresso do indivíduo e da nação. O tempo na obra do jovem romântico é linear, mesmo assim, “ainda é impossível para Magalhães livrar-se totalmente de uma experiência cíclica de tempo” (ARAÚJO, 2008, p. 127).

Danilo José Zioni Ferretti, tomando como ponto de partida a existência de elementos cíclicos secundários dentro da linearidade progressiva da história, vai estudar os textos de Magalhães após seu retorno ao Brasil. Defendendo que, ao confrontar-se com a realidade brasileira teria passado por um momento de desorientação, criando de noção de *palingenesia social*. Esta lei histórica demonstraria ser o sofrimento e o sacrifício inerentes ao progresso humano. As revoluções seriam exemplos de destruição e renovação. Acelerar esse processo era acelerar a história. Só a morte traria a ressurreição (FERRETTI, 2011).

Podemos recuar um ano a emergência desse pensamento em Magalhães, atribuindo ao satírico que produz a *Infernal Comédia* o prenúncio dessa noção de tempo. A obra se propõe a escandalizar. Moutinho é retratado como a “besta”, um “macaco”. A denúncia não visa apenas

¹³ “Sabe-se que esta obra viu a luz em Paris. É uma satyra escripta por Magalhães, quando esteve adiddo á legação de Paris, depois de desgostos que teve como chefe da legação brasileira. Há neste escrito umas notas em prosa que são attribuidas, assim como o prefacio á Manoel de Araujo Porto-Alegre, amigo íntimo do autor”. (BLAKE, 1893, p. 217).

o diplomata e seus vícios, mas também o governo que dá poderes a este tipo de indivíduo. De mau gosto, a obra do satírico não lembra em nada a do vate. Vejamos:

Era a pintura do seu corpo inteiro/ E a seus pés repousava um ruço gato./ Nunca vi um retrato mais perfeito./ Parecia que ali via o sujeito./ Redonda era a cabeça, e parecia/ Um cabaço, tão lisa, e chata a testa./ Que uma só bossa nela não se via./ Antes com depressões como a da besta./ E segundo a de Gall frenologia./ Direi que fronte tal somente atesta/ A maior estupidez, completa ausência/ Dos mais sublimes dons da inteligência./ Negros cabelos duros, eriçados/ Davam jeito à cabeça de vassoura;/ Cara comprida, os lados rechupados,/ Grossa e rugosa pele, e de cor moura;/ Com os negros supercílios encurvados/ representava a cara uma tesoura; / Tinha os olhos vermelhos como um mono,/ Ou como um ébrio, erguendo-se do sono./ Que satânicos olhos ! Olhar baixo, / Olhos, onde a perfídia se acoutava!/ Grande a boca, e aberta como um taxo,/ E cheiro d'amoníaco exalava./ Dentes sujos; o beijo era tão laxo, /Como uma lesma, e o queixo lhe roçava;/ Enfim era tão feio, e tão beijudo,/ Que ante ele fora belo um botocudo./ [...] Era bípede, posto que seus braços/ Com as pernas comprimento disputassem./ De jeito que quadrúpede o julgara./ Se o vestuário humano o não ornara. [...] Quem um macaco viu mal amanhãdo,/ De casaca, chapéu, calças vestido,/ Pelas ruas andando atrapalhado/ Em dois pés, pra diante recaído;/ [...] Esse sim, asseguro-lhe eu que creia/ Que mais ou menos tem dele uma ideia (MAGALHÃES, 1836b, p. 36-41).

No ano seguinte, em 5 de agosto, o jornal *O Chronista* publica uma carta assinada por *Um brasileiro*, possivelmente alguém próximo de Moutinho, ou ele mesmo. Nela, o autor denuncia o “repreensível e escandaloso proceder de dois ex-adidos à legação imperial de Paris”. Os “rancorosos inimigos” estariam usando de “meios abomináveis” em ficções sugeridas por um espírito “tenebroso, despeitado, poético e em extremo vingativo” (CORRESPONDÊNCIA, 1837, p. 3) Na *Infernal comédia*, continua o Brasileiro, teria sido o comendador Moutinho condenado

pelas leis de Gall e Lavater, não haveria remédio se não aceitar o juízo do nosso poeta-frenológico-fisionômico. Com efeito, revolvia ele na mente escaldada: como pode um homem feio, em cuja presença não brilham qualidades atrativas e insinuantes, como pode ser instruído e digno de estima?...Infelizmente, não estando bem fixas as leis de Gall e Lavater, exigindo a constituição política do estado por ora só merecimento e virtudes, e não a presença e formosura [...], não tendo chegado o reinado dos bonitos, [...] o ser feio não inibe a qualquer de ser bom ministro. (CORRESPONDÊNCIA, 1837, p. 3).

O *Brazileiro* ainda diz que os dois julgaram o Sr. Moutinho “embrutecido de espírito” por que não teria reconhecido que eles seriam “as duas únicas capacidades existentes no orbe político e literário” ou “*lês deux flambeaux de l’univers* que a divina Providência trouxe para o meio de nós para nos iluminar e tirar das trevas em que jazemos” (CORRESPONDÊNCIA, 1837, p. 4).

Magalhães, sem emprego e sem pensão, retornou ao Brasil no final de 1836. Na embarcação, ao avistar o Rio de Janeiro, teria dito: “Oh! terra de ignorantes!” (MACHADO, 1936, p.50).

6. Análise: O vate nega a Frenologia do satírico

Onde a verdade e o erro se confundem
(MAGALHÃES, 1836a, p. 65)

Em sua maturidade, Gonçalves de Magalhães escrevera sobre a Frenologia. Sua obra *Alma e cérebro* é uma refutação à ciência de Gall, tendo como base em sua argumentação ainda o ecletismo espiritualista de Cousin. A historiadora Kaori Kodama (2005a), entendeu a obra como uma espécie de retorno de um debate antigo (*frenologia x espiritualismo cristão*), para contribuir com um debate novo (*positivismo e darwinismo x espiritualismo cristão*). O fundo dessa contenda seria uma luta contra o materialismo que parecia tomar conta da nova intelectualidade.

Kodama poderia ter ido além. Por exemplo, poderia ter nos brindado com sua perspectiva diante da influência do contexto italiano (“Alma e cérebro” foi publicada em Roma, onde Magalhães representava o estado brasileiro à época) onde a frenologia era objeto de debate. Um debate reaceso principalmente pelos estudos antropológicos de Césare Lombroso. Fora isso, a Frenologia ainda tinha uma certa força quando o livro “Fatos do Espírito”, de Magalhães, foi publicado em 1858. Livro este do qual se pode considerar “Alma e cérebro” uma continuação. Ainda em 1862, Magalhães escreve a seu amigo Porto-Alegre sobre “Alma e Cérebro”: “Estou escrevendo uma obra volumosa. É um estudo filosófico, fisiológico e frenológico das faculdades humanas. Há muita coisa nova. Já tenho 160 páginas” (KODAMA, 2005b, p. 147). Podemos considerar a reflexão sobre a Frenologia, por parte de Magalhães em 1876, não somente uma evocação de um velho debate visando quebrar os argumentos dos novos materialistas, mas uma antiga e constante reflexão que talvez tenha origem bem anterior a 1858.

Como vimos na seção precedente, a Frenologia aparece na obra de Magalhães no período em que ele esteve em Paris, na sua juventude, naquela que é considerada a “era de ouro” da Frenologia, na obra “Infernal Comédia”.

Visconde de Cairu, morto no ano anterior à publicação da sátira de Magalhães, escrevera, já em 1824, sobre o caráter materialista da Frenologia, relacionando-a à

Fisiognomonía de Lavater.¹⁴ Esta relação não era novidade, apesar de Gall recusar-se a aceitar essa associação. Em 1828, o jovem Magalhães, ao matricular-se no Colégio Médico-Cirúrgico, junto com seu amigo de infância Sales Torres Homem, entra no universo das doutrinas médicas, possivelmente aí travando contato com a Frenologia, seus adeptos e contraditores. A combinação “materialismo-Frenologia” já estava estabelecida e parte da geração de frenólogos da década de 1830, na França, tentava desfazê-la. Todavia, sem êxito. O eclético espiritualista cristão Magalhães tinha noção dessa combinação. Não era partidário da Frenologia. Assistiui às aulas de Broussais por mera curiosidade, não por partidarismo.

Se nas obras “Fatos do espírito” e “Alma e cérebro”, quem escreve (e assina) é o vate com seu pendor monarquista e cristão, destacando a supremacia da alma em relação ao corpo, do sublime diante do sensual e da unidade frente à fragmentação. Na sátira, o autor lança mão da frenologia e de sua mistura (ou confusão) com a Fisiognomonía¹⁵, relacionando o exterior ao interior, o crânio à inteligência, a feiura à bestialidade.

O que podemos entender aqui não é que a opinião de Magalhães sobre a Frenologia tenha mudado em 40 anos (mesmo que em 40 anos a tendência é que se mude muito de opinião). Nossa hipótese é a de que, a despeito do que pensava sobre a Frenologia, Magalhães fez uso dela, e também silenciou sobre ela, de acordo com suas intenções e projetos.

O vate nacionalista, cristão, monarquista de escritos sublimes, preocupava-se com o interior do ser, era um poeta moralizador almejando a unidade do povo brasileiro, com sua história e vocação à independência. A temporalidade do vate é o presente que se molda pelo futuro. Por outro lado, apesar do vate condenar os vícios, sua ação moralizadora não pode ser tão grosseira quanto as mazelas que condena. Suas “poesias d’alma, e do coração” somente “pela alma e o coração devem ser julgadas” (MAGALHÃES, 1836a, p. 12). Ele perderia seu teor sublime ao se dedicar à ofensa, a respostas diante de rusgas e contendas. Perderia tempo. Estacionaria ou retroagiria. O vate não se entrega à ira. Sua arma, a lira, deve ser usada para cantar o futuro.

Enquanto o vate “oferece a outra face” e moraliza edificando em seu lirismo, o satírico não olha com a alma, olha com os olhos e pode destruir ridicularizando e ofendendo. Pode ser grotesco e sensual. O ódio pode lançar-se sem freios na sátira, pode elaborar versos que levem

¹⁴“Modernamente se tem inculcado hum systema phantastico dos Physiognomistas e Phrenologistas, os quaes sustentão, que os homens se distinguem por sua especial organização para fazerem certos actos intellectuaes e Moraes, de sorte, que até se lhes attribue privativo *órgão religioso*, dizendo, que alguns o não tem. Mas tal systema he rejeitado por sábios Naturalistas e Anatomicos, que conceituão a seus defensores por *Materialistas*” (CAIRU, 1824, p. 2-3).

¹⁵ Enquanto a Frenologia pretendia chegar às faculdades psicológicas via crânio, a Fisiognomonía de Lavater pretendia via face.

ao riso macabro. Magalhães ao transpor essa fronteira (entre o vate e o satírico) mergulha no grotesco, dá vazão a seu ódio, destila seu veneno em ofensas. O “mulato” aparece em sua obra. É um “mestiço” o objeto de seu rancor. Mesmo que outro “mestiço” esteja ao seu lado na contenda (Sales Torres Homem).

Se no Instituto Histórico da França, a preocupação dos três jovens brasileiros era a arte, a literatura, as ciências do Brasil. Debret, mesmo ao tratar dos “brasileiros civilizados”, dá um enorme espaço para o “mulato”. Esse tipo que será objeto de atenção de outros franceses. O brasileiro “cor de oliva”, pardo, *ruço* como o gato de Moutinho, não é contemplado pelo vate nacionalista em nenhum de seus escritos. Mas o satírico não tem esse pudor. O “mulato” surge em seus versos. É feio. Não é inteligente. Parece um macaco. Ao olhar do satírico, a piedade cristã e sua doutrina não dão conta de explicar e dar cor ao risível do “mulato” feio. Aí então a Frenologia e a ciência natural entram em cena. O “mulato” não é alma imortal a ser unidade com Deus, em semelhança a Ele. É espécime a ser catalogado, estudado, colocado em seu lugar.

Considerações finais

O presente artigo, buscou apresentar um percurso que marcou o contato e os usos que fez Gonçalves de Magalhães da Frenologia. Na medida em que esta pseudociência em voga na Europa, em especial no círculo de historiadores ao qual Magalhães teve acesso, trazia uma fundamentação materialista e uma temporalidade de coexistência da primitividade e do progresso que em certo sentido entravam em choque com seu papel de vate, o jovem romântico a utilizou em sua obra, mas encontrando uma solução para as contradições.

Quando usa da Frenologia, Magalhães opta por um gênero literário que lhe permitiria ser um “outro”. Ele escreve uma sátira e não assina a obra. Desta forma, as mãos líricas e moralizadoras do vate, que cantava as belezas futuras da nação, não seriam sujas pela lama que o satírico joga na vítima de seus versos.

O satírico usa todas as armas, inclusive as dos vícios que condena. Pode ser rancoroso e até cruel. É o verdugo, enquanto o vate mantém sua pureza. A Santa Inquisição mantinha sua santidade ao julgar o herege, mas entregava-o ao Estado para que este fizesse o que bem entendesse com o condenado. Robespierre manteve-se *incorruptível*, enquanto o carrasco lidava com a corda a subir e fazer cair a lâmina mortal. Desta forma, o vate precisa do satírico para seus extremos. O satírico não negava o projeto do vate. Acelerava o processo de destruição para a regeneração vindoura. Podemos concluir, dessa forma, que não houve

mudança radical na sua concepção de alma, corpo, moral... Na sua juventude, em sua viagem à Europa, não se tornou um frenologista. Simplesmente a Frenologia lhe serviu de arma contra um inimigo. No entanto, mesmo não adepto, é possível perceber em sua obra de maneira geral, em seu projeto de nação, um entrelaçamento de duas temporalidades em tensão: a progressista que se projeta no futuro radioso e a cíclica, na medida em que é necessário voltar-se ao seu espaço de experiência para destruir, romper com o passado insistente para que se alcance o objetivo maior.

Referências

- ARAUJO, Valdeci Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo, 2008.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1893
- CAIRU, Visconde de. *Constituição moral, e deveres do cidadão*. Lisboa: Tipografia Nacional, 1824.
- CORRESPONDÊNCIA. *O Chronista*. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1837, p. 3-4.
- DEBRET, Jean Baptiste. Moeurs et usages des Brésiliens civilisés. *Journal de l'Institut Historique*. Vol. 1, Paris: Baudouin, 1834, p. 170-172.
- EXTRAIT des procès-verbaux des assemblées générales et des séances de classes de l'Institut Historique. *Journal de l'Institut historique*. Vol. 1, Paris: Baudouin, 1834a, p. 182-187.
- EXTRAIT des procès-verbaux des assemblées générales et des séances de classes de l'Institut Historique. *Journal de l'Institut historique*. Vol. 1, Paris: Baudouin, 1834b, p. 304-309.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. Monglave e o Instituto Histórico de Paris. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Nº 2, São Paulo: USP, 1967, pp. 43-53.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. *Brasileiros no Instituto Histórico de Paris*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.
- FERRETTI, Danilo José Zioni. Gonçalves de Magalhães e o sacerdócio moral do poeta romântico em tempos de guerra civil. *Almanack*. Guarulhos, n.02, 2º sem. 2011, p.66-86.
- KODAMA, Kaori. *Os filhos das brenhas e o Império do Brasil: a etnografia no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1840-1860)* (tese). Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2005.
- KODAMA, Kaori. Um discurso sobre ciência, religião e liberdade no Segundo Reinado: A Alma e o Cérebro, de Gonçalves de Magalhães. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, jul.- dez. 2005b, p. 146-155.
- MACEDO, Cristian. A Frenologia e a temática do crime no Instituto Histórico de Paris durante a Monarquia de Julho (1830-1848). *Urutágua*, Maringá, n. 31, 2015, p. 73-87.
- MACEDO, Cristian. A Influência da frenologia no Instituto Histórico de Paris: raça e história durante a Monarquia de Julho (1830-1848). *Humanidades em diálogo*, São Paulo, n. 7, 2016, p. 127-145.
- MACHADO, Alcântara. *Gonçalves de Magalhães: o Romântico Arrependido*. São Paulo: Livraria Acadêmica Saraiva & Cia, 1936.
- MAGALHÃES, Domingos Gonçalves de; PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo; TORRES-HOMEM, Francisco de Sales. Résumé de l'histoire de La littérature, des sciences et des arts au Brésil. Par trois Brésiliens, membres de l'institut historique. *Journal de l'Institut Historique*. Vol. 1, Paris: Baudouin, 1834, p. 47-53.
- MAGALHÃES, Domingos Goncalves de. *Suspiros poéticos e saudades*. Paris: Dauvin et Fontaine, 1836a.
- MAGALHÃES, Domingos Goncalves de. *Episódio da minha Infernal Comédia*. Paris: Beaulé et Jubin, 1836b.
- MAGALHÃES, Domingos Gonçalves de. Carta ao meu amigo Dr. Cândido Borges Monteiro. In: *Poesias Avulsas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1864.

- MAGALHÃES, Domingos Gonçalves de. *A alma e o cérebro*. Roma: Typographia Fratelli Pallotta, 1876, p. 14.
- PINASSI, Maria Orlanda. *Três devotos, uma fé, nenhum milagre: um estudo da Revista Niterói, 1836* (tese). São Paulo: Unicamp, 1996.
- PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo; MAGALHÃES, Domingos Gonçalves de. *Cartas a Monte Alverne*. Rio de Janeiro: CEFIB/UFRJ, 2012. Disponível em: <<http://textosdefilosofiabrasileira.blogspot.com/2012/07/cartas-monte-alverne.html>> Acesso em: 02 mai. 2022.
- PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Apontamentos sobre a vida e obras do Padre José Maurício Nunes Garcia. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, vol. XIX, 1856, p.354-369.
- RANGEL, Marcelo de Mello. *Poesia, história e economia política nos Suspiros Poéticos e Saudades e na Revista Niterói: Os primeiros Românticos e a civilização do Império do Brasil* (tese). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.
- RANGEL, Marcelo de Mello. Romantismo, *sattelzeit*, melancolia e “clima histórico” (stimmung). *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, V. 5, N.2, Jul.-Dez. 2014, pp. 54-62.
- RENNEVILLE, Marc. *Langage des crânes*. Paris: Synthelabo, 2000.
- RÉORGANISATION de l’Institut Historique sous le titre de Société des Études Historiques. In: *l’Investigateur: journal de La société des études Historiques* (Ancien Institut Historique). T. XXXVIII, Paris: Ernest Thorin, 1872.
- SOETHE, Paulo Astor. Sobre a sátira: contribuições da teoria literária alemã na década de 60. *Fragments*, vol. 7 n° 2, Florianópolis, jan.-jun., 1998, p.7-27.
- STATUTS constitutifs de l’Institut Historique*. Paris: Baudouin, 1834.
- TÁVORA, Franklin. Discurso. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, vol. XLV 1882, p.507-529.

Recebido em: 31/07/2022; **Aceito em:** 01/12/2022